

'Aqui tínhamos regras invioláveis'

Brossard, Josaphat e Passarinho têm saudades da confraternização no Senado

Maria Lima

• BRASÍLIA. Foi-se o tempo em que o plenário do Senado era o retrato da placidez e da serenidade. Hoje, em meio a uma série de denúncias contra senadores, virou palco de agressões verbais, xingamentos, olhares raivosos, tratamentos que deixariam corados os antigos ocupantes do chamado ninho do entendimento.

— Essa história de ladrão para lá, ladrão para cá, Deus do céu! Lembro-me com saudade do senador Prado Kelly na tribuna, parecia um balé. Era uma moça, uma elegância, uma fidalguia. Naquele tempo havia regras invioláveis: a linguagem era uma delas — relembra o ex-senador Paulo Brossard.

— Fazer comparações pode parecer desprímoroso. Só posso dizer que encontrei um Senado em que se convivia com mais tranquilidade — diz o ex-senador Josaphat Marinho.

Candidatos pouco preparados que conseguem se eleger à custa do poder econômico, ausência de líderes consistentes, partidos fracos são alguns dos pontos citados como causa da promis-

cuidade que marca o novo perfil do Senado, a Câmara Alta, casa revisora das polêmicas geradas pela Câmara.

— Creio que mudaram as aparências. Era um Senado de pessoas mais educadas, mas era uma Casa distante da sociedade, onde o espírito de corpo escondia muita coisa. Hoje perdeu-se em boas maneiras e compostura, mas talvez sejamos mais autênticos — defende-se Jefferson Peres (PDT-AM).

Uma exigência regimental, nos últimos tempos, é completamente desrespeitada. Há um dispositivo que dá ao presidente o direito de acionar a campanha e pedir a substituição de palavras vulgares. Seria impensável, por exemplo, manter nos anais as trocas de xingamentos de Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Jader Barbalho (PMDB-PA).

— Uma vez, quando presidia a Casa, apertei a campainha e pedi aos taquígrafos que mudassem uma expressão pouco polida do senador Dirceu Carneiro. Ele disse que o PDS era um escarro. Pedi que trocassem a palavra por secreção — lembra Jarbas Passarinho.

Uma causa de indignação em alguns é

o figurino de Heloísa Helena (PT-AL). Com um simples rabo de cavalo, ausência quase completa de maquiagem e indefectíveis camisas brancas e calças jeans, circula e discursa no plenário com muito mais desenvoltura do que colegas supermaquiadas e produzidas, como Marluce Pinto (PMDB-RR) ou Emilia Fernandes (PT-RS).

— Acho que isso não passa de provocação. Mas é uma moça que gosta de poesia, não dá para entender. No meu tempo ela ia acabar aprendendo a linguagem do Senado — diz Passarinho.

— No meu tempo isso era inconcebível! Podem dizer que o hábito não faz o monge, mas ajuda. Seria a mesma coisa que um ministro do Supremo aparecer para julgar de sandálias havaianas — censura Brossard.

Heloísa Helena já se acostumou aos olhares atravessados dos colegas. Mas avisa que não pretende tomar banho de loja para agradar aos incomodados.

— Se mudasse meu guarda-roupa, muita gente iria dizer que a senadora que andava com trajes simples agora estava mudada só porque estava no Senado — responde.